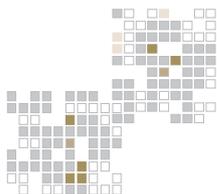


# TENSIONAMENTO DOS ESPAÇOS DE FRONTEIRA: CONCEITOS COMO OBSTRUÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

BORDER SPACES IN TENSION: CONCEPTS AS EPISTEMOLOGICAL OBSTRUCTIONS

*TENSIONAMIENTO DE LOS ESPACIOS DE FRONTERA: CONCEPTOS COMO OBSTRUCCIONES EPISTEMOLÓGICAS*

94



## Irene Machado

■ Docente da Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, e Pesquisadora do CNPq. Pesquisa e publica no campo da semiótica da cultura e do cinema. Atualmente é vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais da USP, onde orienta teses e dissertações de mestrado. Participa da Editoria de Significação. Revista de Cultura Audiovisual. O livro teórico mais específico de sua pesquisa é: *Escola de semiótica: experiências de Tártu-Moscou para o estudo da cultura* (2004).

■ E-mail: irenear@usp.br

## RESUMO

O estudo procura compreender a emergência de um cenário epistêmico de diversidade e conflito em espaços de fronteiras tensionados por diferentes línguas, meios, culturas. Parte de indagações sobre o domínio de um quadro teórico que condiciona a reflexão da comunicação na cultura apenas do ponto de vista da hegemonia das ferramentas digitais de convergência em redes, contra um contexto de relações interculturais que não escondem os confrontos e divergências. Redimensiona, assim, as obstruções epistemológicas que tentam escamotear tensões em contextos culturais de intraduzibilidade como aquela da condição estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: FRONTEIRA; CONFLITO; INTERCULTURALIDADE; INTRADUZIBILIDADE; ESTRANGEIRO.

## ABSTRACT

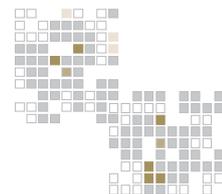
The study is focused on understanding the emergence of an epistemic scenario of diversity and conflict in border spaces under the tension of different languages, means, cultures. The paper is based on questions about the holding of a theoretical framework conditioning the study of communication in culture only from the point of view of the hegemony of the network convergence digital tools against a context of intercultural relations that do not hide the confrontations and divergences. Thus, it restructures the epistemological obstructions that try to conceal the tensions in cultural contexts that cannot be translated, as that of the foreign condition.

KEYWORDS: BORDER; CONFLICT; CROSS-CULTURE; UNTRANSLABILITY; FOREIGN.

## RESUMEN

El estudio busca comprender la emergencia del paisaje epistémico de la diversidad y del conflicto en espacios de fronteras tensionados por diferentes lenguas, medios, culturas. Parte de indagaciones sobre el dominio de un marco teórico que condiciona la reflexión de la comunicación en la cultura sólo desde el punto de vista de la hegemonía de las herramientas digitales de convergencia en redes contra un contexto de relaciones interculturales que no esconden los enfrentamientos y divergencias. Redimensiona, así, las obstrucciones epistemológicas que intentan escamotear tensiones observadas en contextos culturales de intraductibilidad como aquella de la condición extranjera.

PALABRAS CLAVE: FRONTERA; CONFLICTO; INTERCULTURALIDAD; INTRADUCTIBILIDAD; EXTRANJERO.



## 1. Introdução

Quanto mais a comunicação se faz presente como desafio às relações interculturais e ao próprio redesenho geopolítico do mundo, menos espaços de estudo teórico se encontram abertos ao debate. Nos cursos de graduação a disciplina de Teoria(s) da Comunicação está desaparecendo dos currículos. Nos programas de pós-graduação, Epistemologia da Comunicação já é assunto do passado. Estudiosos do campo resistem em grupos de pesquisa e também nos encontros científicos. Não deixa de ser surpreendente tal situação num país em que os cursos de comunicação foram instituídos em 1964<sup>1</sup>, impulsionados pela necessidade de incorporar os meios de comunicação de massa bem como estudar seus produtos culturais de um ponto de vista comunicacional. Contudo, já na virada do século 20, as próprias Escolas de Comunicação Social começaram a se concentrar nas habilitações específicas e o resultado todos já conhecemos. O fenômeno fundador da cultura humana perdeu espaços de reflexão e de formação crítica quando deveria ter ocorrido o contrário.

Paradoxalmente, o âmbito das relações culturais se ampliaram, os processos e as linguagens da comunicação se diversificaram e os meios de comunicação em sua versão eletromecânica foram aprimoradas pelos processamentos eletrônico-digitais. Assim, os chamados meios de comunicação «de massa», forjados no exercício de funcionamento dos veículos e do controle das empresas de comunicação, disputam espaço com as redes num mundo globalizado.

Diante da evidência da dinâmica histórica, tudo aponta para a necessidade de um quadro teórico senão maior pelo menos mais diversificado na complexidade das abordagens e dos

conceitos. A dominância temática em torno da teoria das redes, muitas vezes concentrada no próprio objeto material da tecnologia, acaba restringindo ao invés de ampliar a problemática dos enfoques. E esse é o caso das plataformas digitais cuja performance sustenta o campo da comunicação e da cultura que passa a ser qualificada igualmente pelo desígnio tecnológico. Cultura planetária, de redes, da convergência e da participação (Castells, 2001; Lévy, 2001; Jenkins, 2009) são algumas das denominações em voga para um conjunto diversificado de eventos.

Por um lado, tal dominante teórico-conceitual sustentada unicamente na performance da tecnologia nos leva a crer que estamos diante de uma nova episteme a demandar investimentos de pesquisa – premissa justificada pela quantidade de estudos dedicados ao tema. Por outro, indaga-se se a convergência – que é apenas a performance da tecnologia – tem legitimidade para conduzir todo um complexo de relações teórico-conceituais para um único domínio de abordagem. Não seria tal postura interpretativa apenas um escamoteamento das questões mais complexas e não tão evidentes, mas próprias do caráter da nova configuração epistêmica? Tal é o problema que está a demandar estudos urgentes.

Já existe um consenso de que as áreas científicas, tanto da biologia quanto da tecnologia, estão caminhando, cumprindo seu papel investigativo e colhendo conquistas. Todavia, elas sequer se avizinham dos grandes desafios emergentes no século 21, quando a mobilidade de pessoas no mundo já não se faz em busca dos paraísos promissores do capital, mas simplesmente de sobrevivência a catástrofes e conflitos político-religiosos amparados por estratégias geopolíticas a desenhar campos em luta de outra configuração. Um quadro de divergência projetado contra o pano de fundo da

1 O primeiro curso de comunicação surgiu na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), no então Estado da Guanabara; depois, mas no mesmo ano, na Universidade de Brasília.

convergência cultural participativa de redes. Sem dúvida, trata-se de um paradoxo a ser enfrentado e que, no âmbito do presente ensaio, se coloca como uma hipótese desafiadora, passível de exame à luz da diversidade e multiplicidade de pontos de vista teórico-conceituais.

Delimitam-se aqui dois campos metodológicos. Enquanto o foco de análise dirigido à tecnologia parece se orientar por abordagens que visam construir uma visão macro das prospecções gerais, o foco analítico dirigido aos confrontos em espaços de fronteira parece flagrar perspectivas micro de ocorrências localizadas. No limite a hipótese em causa se ocupa do seguinte: a tão cultuada cultura de redes se desenvolve não apenas rumo à convergência – tal como no automatismo da plataforma – mas também no espaço tensionado de fronteiras da comunicação, por exemplo, no campo das linguagens da comunicação intercultural, como se espera examinar nesse estudo.

O lugar crítico de onde nos colocamos para trilhar caminhos interpretativos é aquele que entende o espaço de fronteira na semiosfera dos produtos e processos sógnicos da cultura, vale dizer, dos códigos culturais com suas línguas, linguagens e textos de cultura tais como examinados por Iúri Lótman (1990; 1996; 1998). Partindo de sua concepção de que em toda cultura são os encontros culturais o *mobile perpetuum* da dinâmica de seu desenvolvimento histórico, Lótman fez dos choques e dos encontros o objeto fundamental de sua investigação. Numa de suas hipóteses desafiadoras toma a intraduzibilidade como o processo interativo por excelência, síntese reveladora da condição estrangeira tão comum à vida da cultura.

Do ponto de vista do estrangeiro, todo texto de cultura resulta de tensionamentos distintos e se desenvolve em espaços de fronteira. Além de sustentar o conflito, tal ângulo de aborda-

gem permite alcançar um vértice significativo da episteme que qualifica como novo um problema fundamental da comunicação na cultura: o diálogo entre diferentes línguas, textos e povos. Como se realiza o diálogo num campo de luta, em que choques e atritos são as forças relacionais dos encontros nos espaços de fronteiras? Eis o desafio que se espera examinar nesse ensaio.

Três metáforas dos conflitos geopolíticos contemporâneos serviram de ponto de partida para a elaboração do pensamento em pauta: o muro, a cerca e as raízes – aqui examinadas como textos culturais cuja força sógnica desvenda não apenas os espaços topograficamente tensionados como também as topologias das relações de um conhecimento que não opera tão somente por conceitos mas também por metáforas e percepções do mundo sensível, capazes de enfrentar as obstruções epistemológicas<sup>2</sup> – agora travestidas em cultura da convergência.

## 2. O muro em fronteiras da invisibilidade

Ninguém duvida de que o muro seja uma linha divisória para separar propriedades e com pretensões maiores de dividir o espaço de um e do outro. Contudo, nem mesmo o concreto armado do material consegue esconder a fragilidade da prospecção de um espaço cuja força não consegue apagar a resistência de um imaginário que não conhece nem limites, nem fronteiras. A divisória de uma linha geopolítica acaba revelando, por conseguinte, um espaço de tensão.

O muro a que se refere aqui (figura 1) é uma construção no campo de refugiados palestinos Al-Hussein situado na Jordânia. Trata-se

2 O conceito de obstrução empregado aqui dialoga com a noção de “obstáculo epistemológico” formulado por Eduardo de Oliveira e Oliveira (1974) no estudo em que examina estratégias de escamoteamento dos problemas raciais no Brasil em todo o processo de escravização dos povos vindos de diversos países do continente africano.

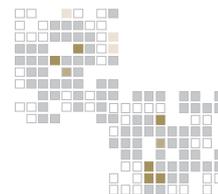




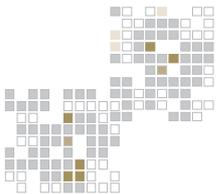
Figura 1 – Arte de rua: Pintura invertida.

Trabalho do artista Pejac em muro no campo de refugiados palestinos Al-Husseín na Jordânia. Disponível em: <<http://art-tension.tumblr.com/post/143985964665>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

de um escomburo transformado em mural pelo artista espanhol Pejac, cuja criação artística nasce de um especial trabalho de intervenção em ruínas urbanas e gravação no próprio concreto. No mural reproduzido pela foto, os contornos de uma brincadeira de rua – um menino empinando pipa – são cravados por entre as rachaduras e as lascas do muro do concreto. Com isso a superfície do muro se abre para um espaço de ar livre por onde a pipa desenvolve seus vôos acrobáticos. A densidade do concreto se torna uma superfície transparente que se abre para um espaço invisível de liberdade. Para esse espaço se dirige o olhar tão curioso quanto interrogante do garoto que passa: a po-

sição de seu corpo se projeta em linha de fuga em relação à gravação do menino desenhado no muro. Configura-se aí um espaço de tensão e diversidade de pontos de vista entre a visibilidade do que se vê e a invisibilidade do que é visto, resultando em diferentes níveis de percepção atentos ao ambiente político de um entorno que o muro não consegue dividir nem separar.

Sobre os modos de ver sob diferentes planos de percepção em jogos de visibilidade discorreu Paul Virilio ao afirmar que vivemos numa época em que ninguém ousaria dissociar a *pólis* – que emprestou sua etimologia à palavra *política* – de *percepção* (Virilio, 1993, p.22 e



segs.). Assim introduz a premissa do espaço de fronteira como matriz epistêmica de estudo da comunicação na cultura. Contudo, não se trata de simplesmente resgatar a dimensão política da *pólis* grega porque dela nos escapa a condição de sua existência: a dimensão do tempo como duração e presença (Virilio, 1993, p.22 e segs.). A fronteira não elimina nem anula o tempo mas opera com as temporalidades que escoam no espaço e, como se vê no mural de Pejac, opera em níveis extremados de invisibilidade, de ausências e de silêncios. Um espaço que não elimina o tempo, mas que tem como articulação essencial a mobilidade de superfícies tomadas como “interface[s] entre dois meios onde ocorre uma atividade constante sob forma de troca entre duas substâncias posta em contato”, como entende o mesmo Virilio (1993, p.12). Um espaço-tempo de mobilidades tão suscetíveis a confrontos que em nada lembra as ações da política da *pólis* grega e, por isso mesmo, Virilio denomina de *transpolítica* (Virilio; Lotringer, 1984, p.31 e segs.).

O que se reivindica aqui é a percepção do espaço-tempo como dimensão sensível, capaz de alcançar igualmente o espaço de fronteira como espaço sensorial humano, que o artista criou e traduziu com o movimento do estilete sobre os escombros de concreto.

É esse estado de sensibilidade que Muniz Sodré dimensionou no seu conceito de *transpolítica* como o fim da política de representação – aquela que cuja linha de força se propaga na contramão do Estado e do poder, como movimento de confronto (Sodré, 2010). Em seus estudos sobre televisão, ou mais especificamente, sobre o poder das telas de tevê e das redes sociais das mídias digitais, Sodré advoga a ideia de que a representatividade cede lugar aos processos sensíveis que se manifestam sob a forma de um *bios* midiático (Sodré, 2002; 2006, p.99 e segs.) cuja trama são vínculos de sensibilidade

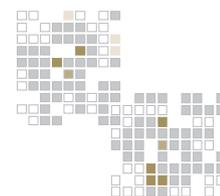
e afetos. Encaminha, assim, o núcleo conceitual da episteme que ora lutamos por compreender e cujo raciocínio é desencadeado pela noção de *transpolítica* como uma “metáfora compreensiva para a política na sociedade midiaticizada, onde a televisão assume as aparências de partido, e a internet, progressivamente, de massa” (Sodré, 2010, página *online*). É próprio de toda metáfora incluir o sujeito que percebe na dimensão concreta uma vez que é ele quem opera as analogias explicativas do fenômeno, elaborando um outro caminho para a construção de conhecimento como completa Sodré (2010, página *online*).

Seguindo o raciocínio de Sodré, o espaço de fronteira como matriz epistêmica desse quadro sociocultural ganha a dimensão conceitual ao questionar bases de uma prática de conhecimento que separa, na vã tentativa de eliminar o atrito, por exemplo, entre a percepção de um sujeito e seu objeto; a metáfora e o conceito.

### 3. A cerca em fronteiras de intraduzibilidade

*Abdil não fala bem inglês mas quer conversar. É ele que nos chama do alto do morro enquanto agita os braços, mesmo sem saber quem somos. Convida-nos a sentar no cobertor azul estendido no chão, como se abrisse a porta da casa que já não tem. A vista é privilegiada: ao fundo da montanha, Samos, capital da ilha grega com o mesmo nome, forma um anfiteatro que desce até à baía banhada pelo Egeu. Assim ao longe, com as luzes da rua a anunciarem o fim do dia, a cidade parece um postal animado. Muitos pagariam para ver aquela paisagem da janela mas ele, se pudesse, pagaria para sair dali* (Soares, 2016).

No texto da reportagem que acompanha a foto (figura 2), afirma-se que o refugiado sírio não domina a língua hegemônica sem a qual a participação no mundo conectado em redes





**Figura 2 – Esquecidos na Guantánamo da Europa.**

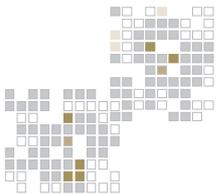
Marisa Soares (Texto) e Miguel Manso (Fotografia, em Samos). Disponível em: <<http://publico.uol.com.br/mundo/noticia/esquecidos-na-guantanamo-da-europa-1741570>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

fica seriamente prejudicada. Contudo, ele gesticula e compartilha a memória imaginada da prisão. A ausência de um código comum – no caso a língua inglesa – não impede a comunicação, apesar de o diálogo transcorrer num regime de intraduzibilidade. Em situações como essa entra em ação a metalinguagem a ensaiar traduções intersemióticas possíveis.

A necessidade de estabelecer contato por meio de gestos cotidianos imediatos que se colocam acima de qualquer língua torna-se expressão evidente de um mundo cujas relações sofreram desmontes não apenas na esfera política como também na vida familiar, civil, étnica e até mesmo religiosa. Seguindo a pista antevista pelo antropólogo Clifford Geertz, “Num mundo estilhaçado, devemos examinar os estilhaços” (Geertz, 2000, p.193), o quadro

das migrações avassaladoras que se transformou em fuga alucinante de refugiados por terra e por mar a partir de 2010 denuncia um total desarranjo sócio-político-cultural, corroendo todas as instituições, como bem formulara Geertz ao se perguntar: “que é um país, se não é uma nação? (...) que é uma cultura se não é um consenso?” (Geertz, 2000, p.196).

Em pleno centro da cultura européia, a ilha grega denuncia uma total ausência de pertencimento ao lugar em que o estrangeiro é o pária da radical ausência de conexão e participação na cultura de redes. Os refugiados são os estrangeiros indesejados, fora de qualquer radar e sem a menor possibilidade de serem acolhidos pelas ondas cibernéticas da cultura participativa da convergência. O único elo de contato se estabeleceu entre ele – estrangeiro – e o



outro – o jornalista – resulta da construção de associações e analogias da linguagem gestual sensória que emerge na presença dos corpos, tornando-se o vínculo efetivo da comunicação do estrangeiro fora do domínio geopolítico da língua inglesa.

Se, por um lado, tal situação desnuda a total intraduzibilidade da condição estrangeira, por outro evidencia antigas formas de contato registradas pela história da cultura. E eis que retornamos à região ocupada hoje pela Grécia quando, na porção que unia a Índia à Turquia, existia a fala que funcionava como um dispositivo sensorial de “cheiro, gosto, textura e som”, sem, contudo, pressupor qualquer codificação, “apenas uma iconicidade dispersa e rudimentar” (Pignatari, 1998, p.94). Sem dúvida, tal atavismo cultural emerge e tensiona como força contra a suposta convergência da rede planetária. Daí a recuperar os hábitos das chamadas culturas óticas que guiadas pelos ouvidos alcançavam mensagens que chegam e se anunciam pelos sons de tambores – os tambo-

res falantes – não há mais que uma linha associativa. Em ambos os casos, a comunicação remete a formas de percepção e não a veículos de expressão de conteúdos. Retrocesso? Avanço civilizacional? Nada se sabe além das conjecturas.

Na reportagem citada, mais importante do que a fluidez de um código comum se mostrou a necessidade do refugiado em ser ouvido, visto e sentido na sua condição de prisioneiro em pleno ar livre da montanha com o mar Egeu a seus pés, quando os confrontos políticos, religiosos e geopolíticos colocam em xeque a condição de país, de nação, de cultura. O que se pretende com o desenho de tal topologia é apenas e tão somente lançar uma luz sobre os tensionamentos que revigoram o pensamento dialético na consideração dos processos culturais inalcançáveis pela convergência.

#### 4. As raízes em fronteiras de espaços semióticos diversificados

Do ponto de vista da história dos vencido-

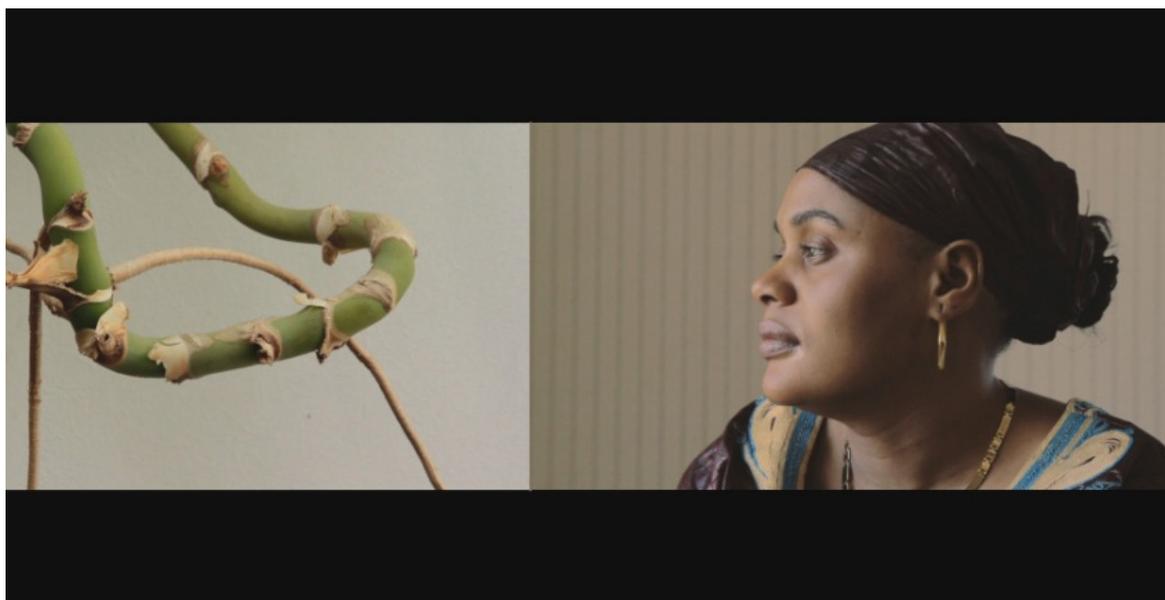
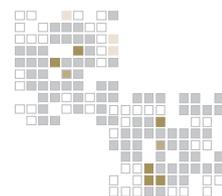


Figura 3 – Instalação: Terceiro Andar, Luciana Fina. Fundação Calouste Gulbenkian.

Disponível em: <<https://gulbenkian.pt/museu/wp-content/uploads/sites/9/2016/10/3>>.

Acesso em: 1 nov. 2016.



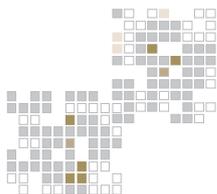
res, o choque produzido em encontros culturais que sagraram o exercício de um sobre os outros – os vencidos – é sempre traduzido em gestos de destruição e de extermínio, inclusive das línguas e das culturas. Sem minimizar a catástrofe das conquistas geopolíticas que dominam os impulsos bélicos dos homens, há que se abrir espaço para uma interrogação. Se a força do extermínio resultante em grandes genocídios e semicídios em que, como afirma Muniz Sodré (2017, p. 102), “O semicídio ontológico perpetrado pelos evangelizadores foi o pressuposto do genocídio físico”, observados em todo o ciclo de expansão ultramarina e de dominação colonial dos povos subjugados, como se explicaria o fenômeno da criouliização? Até onde sabemos, em torno dos contatos de línguas distintas nasceram e se constituíram pidgins geradores das línguas crioulas que avançaram passando a conviver com dialetos e línguas locais. Se, num dado momento os pidgins se constituíram apenas como línguas de contato de caráter emergencial, o que se observa é que em seu desenvolvimento cultural se constituiu como uma esfera de resistência, abrindo caminho para a multiplicidade das formas linguísticas e dialetais que persistem em meio a guerras e conflitos de outra natureza, potencializando o tensionamento das fronteiras. Logo, há que se repensar a episteme comunicacional calçada apenas na razão dos meios de comunicação desenvolvidos a partir do florescimento das línguas europeias.

Nos estudos de semiótica da cultura, o processo de criouliização foi examinado não apenas do ponto de vista das construções linguísticas com seus problemas estruturais e lexicais, como já examinamos em outros estudos (Machado, 2015; 2016). Considerando que a dinâmica da cultura opera com mecanismos semióticos de grande alcance, entende-se como semiiose a modelização crioula em sua

diversidade e condição multilíngue de “línguas mutuamente ininteligíveis”, propriedade elementar da língua crioula (Couto, 1996, p.15). Em seus estudos semióticos, Íúri Lótman situa o crioulo como mecanismo modelizante da condição estrangeira naquilo que ele tem de essencial: a manutenção de estados de intraduzibilidade, de estranhamento em que o limite de pertencimento ao espaço do outro se torna intransponível. Segundo seu entendimento a única possibilidade de comunicação nesse momento é a recorrência à metalinguagem.

A metalinguagem implica deslocamento da linguagem e de seus constituintes para outros espaços de significação sustentados pela tradução. Na impossibilidade de convergência para um código único, o que se concretiza são as distintas sobreposições de linguagens. Em toda metalinguagem coexistem as possibilidades enunciativas como formas potenciais de construção de relatos e histórias. Trata-se, portanto, de observar a multiplicação da linguagem por diferentes códigos de modo a projetar aquilo que é da própria natureza da linguagem, mas que permanece encoberto diante da dominante de uma codificação única. Do ponto de vista cultural, a metalinguagem se torna o procedimento elementar pela modelização das diversas linguagens da cultura. Quer dizer, códigos de natureza não verbal cumprem o papel de se constituir como linguagem.

O conceito de modelização, tão fundamental à compreensão semiótica da cultura, não quer dizer que a língua é modelo, pelo contrário: diz respeito à capacidade de códigos ou processos culturais radicalmente distintos desenvolverem linguagem. Lótman foi mais longe: diviso nesse processo uma relação com a criouliização. A linguagem audiovisual lhe pareceu a realização mais acabada da condição crioula na era eletrônica (Lotman, 1996, p.68). Além da condição estrutural, considera como parte



da condição crioula da linguagem cinemática todas as traduções que a imagem pode realizar dos diferentes códigos que é capaz de incorporar e transformar em comunicação. O trânsito de linguagens é um dos aspectos distintivos da tradução intercultural que o cinema realiza enquanto imagem audiovisual e cinética. Prova disso é que a linguagem do cinema guarda a singularidade de seus procedimentos mesmo quando praticada por diferentes povos que falam, evidentemente, diferentes línguas.

Não as recentes mobilizações que se intensificaram a partir dos primeiros anos do século 21, mas os deslocamentos que marcam a dinâmica dos encontros culturais tem sido tema constante no cinema, o que torna as realizações dessa categoria uma presença obrigatória nos debates sobre interculturalidade, limites, fronteiras, encontros culturais e, sobretudo, a condição crioula. Um trabalho que conquistou seu espaço nesse debate como também se projetou como realização crioula pode ser examinado no filme *Terceiro andar* (Portugal, 2016, 62') da cineasta Luciana Fina<sup>3</sup> (figura 3).

A paisagem retratada é um edifício de um bairro que concentra uma grande população de imigrantes muçulmanos em Lisboa. O cenário, porém, se limita ao interior de um apartamento no terceiro andar onde reside a família de Aissato Baldé uma jovem de 18 anos, personagem que articula as muitas narrativas que gravitam em torno dela e de sua família, de seus sonhos, memórias e ambições. O grande protagonista do filme, contudo, é o diálogo que Aissato desenvolve com a cineasta, com a mãe, Fatumata Balde, e consigo mesma. Diálogo desencadeado pelas perguntas: “Em que língua vamos contar as histórias que nos foram contadas?” “Em que língua vamos escrever uma

declaração de amor?” Este último verso traduz um outro, criado na poesia de Odete Semedo<sup>4</sup> escrito, provavelmente, na língua crioula kriol: “Na kallinguke n na skirbiña diklarasons di amor?”. Indagações que a imigrante guineense Fatumata Balde se faz com base em seus vários deslocamentos antes de se fixar no Bairro das Colônias em Lisboa, para onde migrou há 18 anos depois de casar com o Presidente da Associação dos Muçulmanos Guineenses em Lisboa. Todas as falas de Fatumata são pronunciadas na língua kriol, o crioulo falado por grande parte da população guineense. Aissato traduz para o português as falas e as histórias narradas, enquanto a linguagem fílmica amplia as narrativas com diferentes construções audiovisuais traduzidas em metalinguagens.

Logo no início do documentário, a jovem Aissato ensaia dizer um poema de amor que ela acabara de escrever em língua inglesa. No diálogo, a mãe conta histórias de sua vida que Aissato traduz ao mesmo tempo em que conversam sobre o amor, as tradições, a felicidade, os sonhos. Intercaladas a esse diálogo, se articulam cenas do cotidiano da família e das reuniões da comunidade de guineenses.

Se, na esfera da interação verbal as diferentes metalinguagens se evidenciam na tradução interlinguística e entre a codificação oral e escrita, na esfera da tradução audiovisual propriamente cinemática a tradução não se constitui de modo tão evidente. Em primeiro lugar, as histórias de vida narradas por Fatumata são relatadas em discurso direto: ouvimos sua voz, mas nem sempre a câmera focaliza em close sua imagem e de sua filha, como se vê na figura 4. Em outros momentos, enquanto Aissato vai traduzindo sua fala para o português, correm

3 Filme exibido durante o Festival Internacional de Cinema de Lisboa em 2016 na Fundação Calouste Gulbenkian, que abrigou também a instalação do trabalho realizado paralelamente ao filme.

4 Odete Semedo é escritora de Guiné-Bissau, formada em Letras na Universidade de Lisboa e atualmente é investigadora na cidade de Bissau capital guineense. O problema da multiplicidade das línguas é tema de sua obra crítica escrita em crioulo e português.

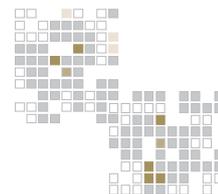




Figura 4 – Terceiro Andar (2016), Luciana Fina.

Disponível em: <[www.doc.lisboa.org](http://www.doc.lisboa.org)>.

Acesso em: 1 nov. 2016.

tomadas em primeiro plano das duas mulheres e de comentários visuais que podem incluir cenas internas e externas ao prédio em que moram, movimentação de pessoas, páginas escritas, objetos. A câmera constrói um discurso que não segue, necessariamente, o discurso verbalizado pelas duas mulheres.

O cinema realiza aqui a metalinguagem da instalação que foi dedicada ao mesmo tema a partir dos retratos em fotos *still*. As sequências de retratos muitas vezes são intercaladas por textos escritos – os poemas criados por Aissato em língua inglesa, como o texto que ela ensaia gravar. Também há intercalação quando Aissato interrompe a escuta da gravação para realizar suas preces. Enquanto a cineasta ouve os trechos e as versões gravadas, a menina pratica sua oração num tapete que ela recolhe e

guarda assim que o exercício religioso termina. Imediatamente ela se vira e começa a ouvir a gravação com a cineasta. No mesmo espaço da saleta que ocupam, as diferentes práticas culturais convivem sob fronteiras, o que implica diferentes temporalidades. Criam-se dois planos simultâneos: o da montagem audiovisual do filme e o do recolhimento silencioso da jovem. O mesmo processo construtivo se repete quando a mãe narra, na sua língua materna, as histórias de um tempo passado, os poemas falados e escritos em inglês apontam para o futuro uma vez que Aissato planeja estudar Direito Islâmico na Inglaterra após terminar o liceu. Duas línguas numa relação de intraduzibilidade compõem a cena audiovisual em tomadas como essas.

Em outra sequência que se repete em dife-



**Figura 5 – Terceiro Andar (2016), Luciana Fino.**

Disponível em: <[http://www.doclisboa.org/2016/wp-content/uploads/2016/09/MG\\_1280-3-1-1.jpg](http://www.doclisboa.org/2016/wp-content/uploads/2016/09/MG_1280-3-1-1.jpg)>.

Acesso em: 1 nov. 2016.

rentes momentos do documentário, a câmera se desloca em movimentos verticais, acompanhando as escadas da parte externa dos apartamentos do prédio registrando e capturando apenas os ruídos dos apartamentos e da rua. O movimento da câmera do interior para o exterior do prédio não é apenas um recurso fílmico, mas um trabalho de tradução e de construção narrativa que extrapola os limites da cena. A câmera acompanha a trajetória das raízes aéreas de uma planta tropical (figura 5) que, ao transbordar do vaso instalado no quinto andar, atravessa as grades de ferro que acompanham a escadaria do prédio. As fortes raízes reunidas e amarradas com um dos ramos formam um mastro de uma estrutura vertical que se articula não apenas com o deslocamento horizontal dos planos nas tomadas dos retratos

como também marca a ressonância que toma conta do edifício todos os dias no final da tarde quando ruídos dos pilares que amassam pimenta e mandioca articulam o ritmo das atividades dos habitantes em seu cotidiano.

O filme ensaia, assim, possibilidades de as histórias serem narradas não somente pelas línguas que os emigrantes foram adquirindo em seus deslocamentos como também pela própria linguagem audiovisual que as traduz. O exemplo da câmera que acompanha as raízes aéreas da planta no deslocamento pelas escadas, possível de narrativa que a linguagem icônica traduz com os recursos audiovisuais.

A pergunta colocada inicialmente vai sendo, senão respondida, pelo menos pensada em suas possibilidades à medida em que as diferentes narrativas reproduzidas audiovisualmente vão

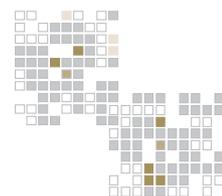


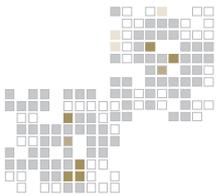


Figura 6 – Fotografia de Bermadett Szabo. Agência Reuters.

**Refugiados sírios atravessam cerca construída na fronteira com Hungria.**

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/hungria-inicia-construcao-de-quarta-cerca-contra-imigrantes-diz-tv-oficial.html>>.

Acesso em: 16 mai. 2018.



sendo exploradas. O que se pode inferir, é que provavelmente não haverá uma língua, mas diferentes linguagens para narrar as histórias dos imigrantes que habitam os mais diferentes lugares. Assim, o espectro metalinguístico se amplia, tal como as raízes aéreas que se confundem com caules ou mastros e também avançam para espaços deslocados de sua própria terra (figuras 3 e 5).

A análise do filme do ponto de vista da metalinguagem que se desdobra a partir do diálogo coloca em evidência que as relações dialógicas interculturais se desenvolvem em fronteiras de

espaço semiótico que revela, assim, toda uma plasticidade aberta à incorporação da diversidade, dos confrontos e das situações de incomunicabilidade e intraduzibilidade que define a condição estrangeira.

**5. Considerações finais: obstruções epistemológicas**

Ao reivindicar a necessidade de um aumento de teorias para o estudo da comunicação e de suas demandas do mundo contemporâneo não se arbitra em favor de quantidades. O imperativo dessa reivindicação se faz em nome de

qualidade ou melhor de investimentos analíticos sensíveis aos confrontos, tensionamentos, enfim, aos antagonismos que somente uma mirada dialética consegue dimensionar.

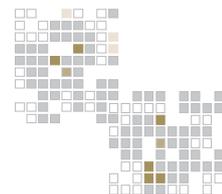
Se existe uma tradição conceitual já tão firmemente amparada em noções firmadas em torno da plasticidade dos encontros culturais expressos em termos de dominação, assimilação, aculturação de povos vencidos com consequente subjugamento de línguas e tradições culturais para a glória de conquistadores, há que se considerar que há também conceitos antagônicos a essas concepções. Noções como invisibilidade, intraduzibilidade, recodificação, criouliização, dialogia, fronteira, transpolítica, translinguística, são apenas alguns conceitos que lutam por seu espaço nesse cenário em que a suposta miscigenação, sincretismo e o multiculturalismo, que agora atravessa a glória de toda sua plasticidade com a convergência digital, ainda reinam soberanos em detrimento de forças antagônicas. Reivindica-se, pois, um enfrentamento de nossas «obstruções epistemológicas».

Uma vez que estamos falando de encontros culturais de grupos humanos, constituídos em torno de sistemas inalienáveis de signos, mesmo quando deslocados para a esfera do estrangeiro, o que a tradução – entendida como equivalência a partir de um código comum – não consegue é equacionar a complexidade das relações culturais estrangeiras. Do ponto de vista das fronteiras que se constituem em todo encontro dialógico de culturas a busca de um código comum é simplesmente irrelevante. Aqui o que se tem como certo é a intraduzibilidade própria da condição estrangeira.

A urgência no enfrentamento das obstruções epistemológicas amplia o espectro de sua prospecção quando se observa que nem mesmo a crença na plasticidade harmônica das culturas consegue aplacar confrontos fronteirios

desencadeados pelas expansões geopolíticas, agora traduzidas em termos de mediações da comunicação tecnológica, de interações e conflitos entre diferentes povos em deslocamentos cada vez mais descontrolados de populações migrantes – cujas frentes são dilatadas com o crescimento vertiginoso de refugiados de conflitos políticos e de catástrofes (figura 6). Nada disso é novidade na história das civilizações, mas dificilmente movimentos históricos como esses são considerados agentes transformadores das mensagens resultantes das várias traduções interculturais e intersemióticas, a incidir diretamente sobre línguas, linguagens, meios radicalmente divergentes. Se é verdade que comunicação se constitui como princípio organizador de luta contra as forças da confusão, é chegada de entender o cenário de perturbação do ponto de vista que nos compete: a comunicação intercultural.

Considerando que o fio condutor de nossa inquietação nesse estudo se orienta pela investigação de novas epistemes, sensíveis à organicidade dos encontros culturais e não determinadas pelo paradigma dominante das tecnologias hegemônicas – inclusive as das línguas europeias – não poderíamos finalizar nosso estudo sem anunciar caminhos abertos para outra investigação. Trata-se de um aprofundamento da dialogia semiótica dos encontros emergentes naquilo que Muniz Sodré (2017, p. 22; 121 e segs.) denominou “filosofia da diáspora” ancorada no “pensamento nagô” – aquele que se realiza no transe de sensorialidades de corpos e culturas integrados autopoieticamente aos princípios cosmológicos e ancestrais. Definido como diaspórico, tal episteme desloca-se geopoliticamente para o horizonte espacial do Atlântico tornado “epicentro de uma nova concatenação de mundo, o lugar onde emergiu uma nova consciência planetária” (Mbembe, 2018, p. 33). Tal é o desafio a ser enfrentado.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLS, M. *La galáxia internet*. Barcelona: Arete, 2001.
- COUTO, Hildo H. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.
- GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- LÉVY, P. *A conexão planetária*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- LOTMAN, Iuri M. *La semiosfera I. Semiotica de la cultura y del texto*. Trad. Desiderio Navarro. Valencia: Fronesis, 1996.
- LOTMAN, Iuri M. *La semiosfera II. Semiotica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Trad. Desiderio Navarro. Valencia: Fronesis, 1998.
- LOTMAN, Yuri. The Semiosphere. In *Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1990.
- MACHADO, Irene. Espaço geopolítico em tradução semiótica. *Estudos da AIL em Ciências da Linguagem*. Associação Internacional de Lusitanistas: Mindelo, Cabo Verde, 2015. <http://https://www.dropbox.com/s/oyfzbyty2ed7i36/>
- \_\_\_\_\_. Fronteiras e limites: encontros e choques culturais no processo de criouliização semiótica. *InTexto*, Porto Alegre: UFRGS, 2016, n 57, p. 58-75. <http://www.seer.ufrgs.br>
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. O mulato, um obstáculo epistemológico. *Argumento*, ano 1, n. 3, p.65-74. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- PIGNATARI, D. *Cultura pós-nacionalista*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- SOARES, M.; MANSO, M. Esquecidos na Guantánamo da Europa. *Público*, 21 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2016/08/21/mundo/noticia/esquecidos-na-guantanamo-da-europa-1741570>>. Acesso em: 20 mai. 2018.
- SODRÉ, M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. O tempo contado da política. *Observatório da Imprensa*, 18/05/2010, nº 590.
- <http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/o-tempo-contado-da-politica/>. Acesso em 20 mai. 2018.
- \_\_\_\_\_. *Pensar nagô*. Petrópolis: 2017.
- VIRILIO, P. *O espaço crítico*. São Paulo: Editora 34, 1993.
- VIRILIO, P; LOTRINGER, S. *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Recebimento: 24/05/18  
Aprovação: 26/06/18

